

PANORAMA ARQUEOLÓGICO NO CAMPO DAS VERTENTES: ASPECTOS CERÂMICOS DOS SÍTIOS MONTE ALEGRE, EVANGELISTA, IGREJINHA E CATAUÁ

Archaeological Overview in the Campo das Vertentes: Ceramic Aspects of the Monte Alegre, Evangelista, Igrejinha, and Catauá Sites

Glêdes de Castro

Mestranda em Geografia, Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil.

gledescastro@ufsj.edu.br

Leonardo Cristian Rocha

Doutor em Geografia Física, Universidade de Minas Gerais.

Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

rochageo@ufsj.edu.br

Gabriel Arriel Pedrozo

Doutorando em Geografia Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

gabrielarqueio@hotmail.com

Alexandre Henrique Delforge

Doutor em Arqueologia, Universidade de São Paulo.

Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil.

delforge@ufsj.com.edu.br

Recebido: 10/04/2024

Aceito: 10/05/2024

Resumo

Este artigo investiga e discute a presença de materiais cerâmicos no Campo das Vertentes, Minas Gerais, em particular aqueles provenientes dos quatro sítios arqueológicos: Monte Alegre, Evangelista, Igrejinha e Catauá; com base nas coleções desses artefatos, atribuídos às tradições Aratu-Sapucaí e Tupiguarani, desenvolveu-se nesta pesquisa uma análise que visa compreender as distinções e semelhanças dos tipos cerâmicos dentro desta localidade, viabilizando o entendimento da identidade, cultura, tecnologia e existência de possíveis rotas de populacionais e trocas tecnológicas que discorrem neste espaço geográfico.

Palavras-chave: Cerâmica, Campo das Vertentes, Aratu-Sapucaí, Tupiguarani.

Abstract

This article investigates and discusses the presence of ceramic materials in the Campo das Vertentes, Minas Gerais, particularly those from the four archaeological sites: Monte Alegre, Evangelista, Igrejinha, and Catauá. Based on collections of these artefacts, attributed to the Aratu-Sapucaí and Tupiguarani traditions, this research develops an analysis aimed at understanding the distinctions and similarities of ceramic types within this locality, facilitating the understanding of identity, culture, technology, and the existence of possible population routes and technological exchanges within this geographical space.

Keywords: Ceramic, Campo das Vertentes, Aratu-Sapucaí, Tupiguarani.

1. INTRODUÇÃO

Investigações de cunho arqueológico no Campo das Vertentes, mesorregião do Sul de Minas Gerais, tem se intensificado nas últimas décadas (Brandt, 2004; Akaios, 2004; Resende; Torres, 2006; Resende *et al.*, 2010; Resende *et al.*, 2014; Angonese, 2020; Enéas; Noronha, 2020; Pedrozo; Rezende, 2020; Pedrozo; Rocha, 2022; Sales, 2022; Pedrozo; Serralheiro, 2023; Castro, 2024; Pedrozo, 2024, entre outros), ainda assim, boa parte da localidade permanece inexplorada e carecendo de investigações. Segundo Delforge (2010), apenas 2% dos sítios arqueológicos em Minas Gerais são conhecidos, o que é agravado quando se leva em consideração passado humano de longuíssima data no estado, com a presença de grupos de caçadores-coletores desde o Holoceno Inicial.

Mesmo que a presença humana em Minas Gerais possua evidências antequíssimas, a maioria dos sítios arqueológicos pré-coloniais do Campo das Vertentes, inclusive os que serão aqui analisados, são de um passado mais “recente”. Na Arqueologia, a concatenação cronológica destas ocupações ameríndias trata-se de algo ainda em intensa discussão. Periodizações clássicas como as de Willey and Phillips (2001), onde estabelece: Lítico ou Paleoíndio dentro do Pleistoceno Superior e interação humana com megafauna; Arcaico (Archaic Stage) já no Holoceno, onde havia intensiva coleta e especialização em caça e pesca; Formativo (4.000-3.000 anos A.P.), sedentarismo, agricultura, tecelagem e dententores de cerâmica; e aquelas não presentes no Clássico com urbanização e arquitetura monumental e a Pós-Clássico com a formação de impérios militares, tratam-se de etapas cronológicas demasiadas heterogenias e com diversas complicações uma vez aplicadas por todo continente americano.

Além dos dois autores americanos, há outras como a da arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire (1973) de “caçadores” (caçador-coletor) e “produtores” (horticultores e agricultores) também estivera sujeito a complicações. Ou mesmo estabelecimentos mais recentes, como de Prous (2019) Arcaico Antigo/Médio/Recente, ainda assim não são de ampla utilização por todos os arqueólogos no Brasil. Seja como for, o contexto aqui analisado, no Campo das Vertentes apresenta grafismos-rupestres (com datações diretas difíceis de serem estimadas) e cujas tradições do grafismo são de um período anterior às populações ceramistas e horticultoras associadas aos demais sítios arqueológicos da localidade, havendo um certo hiato temporal ou gap entre estes dois conjuntos arqueológicos dentro da história profunda da região.

Particularmente, os sítios Monte Alegre possuem datações diretas (termoluminescência) de 800 A.P. (Brandt, 2004); Evangelista com 425 anos AP (370+55) e Igrejinha 410 anos AP (500-90) também por meio de termoluminescência (Enéas e Noronha, 2020), e Catauá, de forma indireta através da tradição cerâmica ~1300-300 A.P.

A espacialização destes sítios arqueológicos (Figura 1) ocorre de maneira sempre associada a rios ou corpos de águas (pequenos canais como riachos e ribeirões), topos ou meia vertentes, raramente presentes em localidades baixas. Trata-se de um conjunto de vestígios de antigas ocupações espaciais humanas, que se manifestou de forma intensiva, evidenciado pela antiga produção de solo antrópico (Terra Preta) presentes no produto pedológico dos sítios (Arkaivos, 2004; Pedrozo; Resende, 2020; Pedrozo; Rocha 2022; Castro, 2024). Aspecto comum de sítios arqueológicos de aldeias ceramistas no Brasil Central (Prous, 2006; 2019).

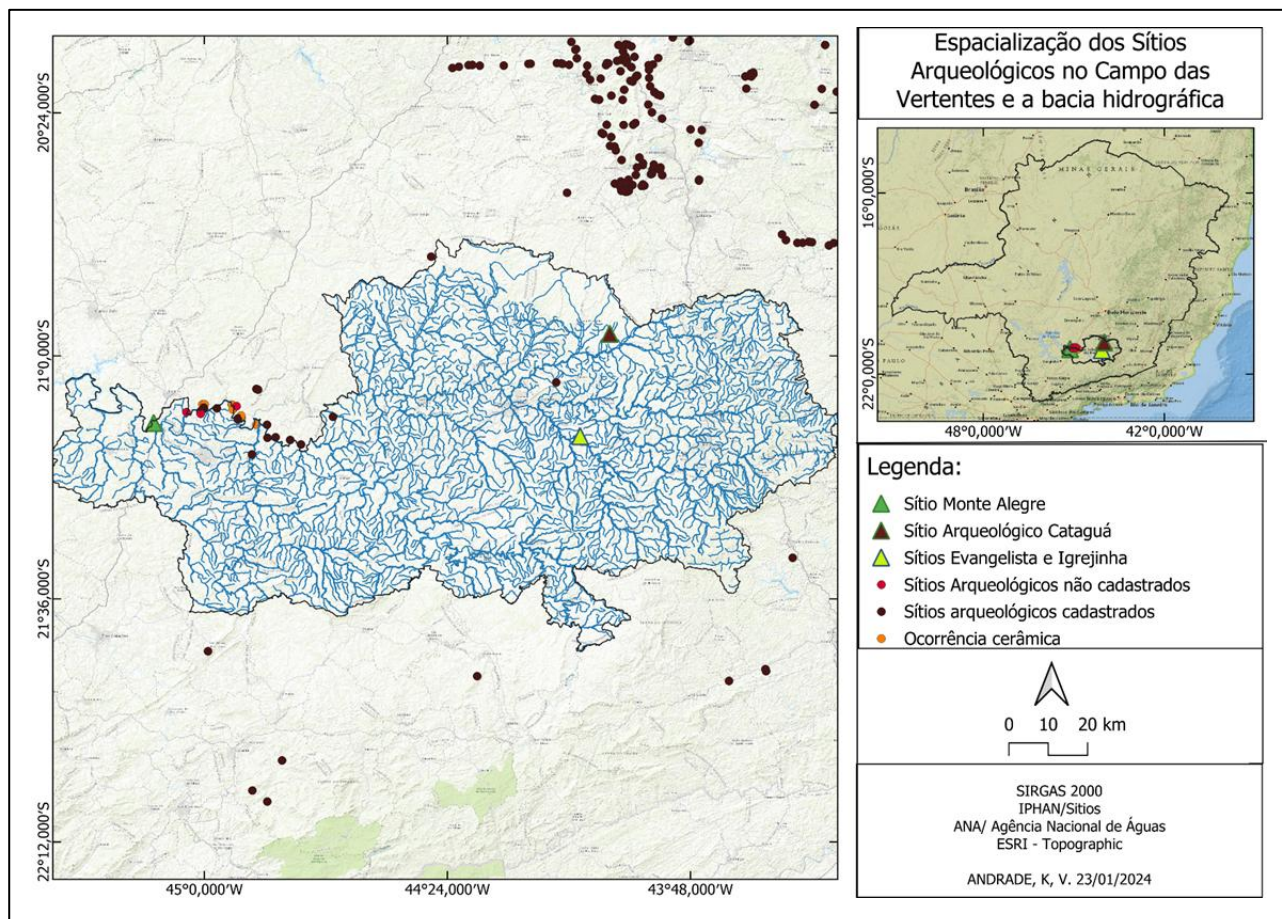


Figura 1 – Espacialização dos sítios arqueológicos no Campo das Vertentes e sua relação com a Bacia Hidrográfica. **Fonte:** Elaborado por Karen Vitória Andrade (2024).

Apresentado este panorama, o presente artigo busca discutir a presença de materiais cerâmicos no Campo das Vertentes, Minas Gerais, em particular aqueles provenientes de quatro sítios arqueológicos Monte Alegre, Evangelista, Igrejinha e Catauá. Com base nas coleções desses artefatos, atribuídos as tradições Aratu-Sapucai e Tupiguarani, desenvolveu-se nesta pesquisa uma análise que visa compreender as distinções e semelhanças dos tipos cerâmicos dentro desta localidade, viabilizando o entendimento da identidade, cultura, tecnologia e as possíveis rotas de comércio que ocorreram neste espaço geográfico.

2. DEMAIS SEÇÕES UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Segundo Daniel Santacreu (2014) análises arqueométricas possuem limitações quando apenas focam nos próprios objetos arqueológicos e desconsideram o ambiente contextual de origem de tais peças. A descontextualização da peça trata-se de uma defasagem não apenas em nível de informação, mas na própria percepção e entendimento do panorama arqueológico estudado. Em termos físicos, um sítio arqueológico trata-se de uma concentração de artefatos (Dunnell, 1992), em muitos casos submerso por diversos horizontes (ou camadas em contextos sedimentares) de produto pedológico, os quais não são apenas o solo que meramente encobre os artefatos, e sim parte da história e formação de um sítio, que infere numa sequência de “perda” e “ganho” de informações (Sullivan, 1978). Logo, um olhar atento para aspectos contextuais, quer seja de características geomorfológicas, espaciais, vegetação e uso da localidade trata-se de elementos contributivos para a compreensão dos materiais cerâmicos.

A localização dos sítios arqueológicos apresenta características que ao mesmo tempo convergem e divergem. Naturalmente, mesmo dado a distância destes pontos no mapa, a ocupação indígena seguiu critérios-chaves para a sua subsistência, como recursos hídricos, porém, aspectos de cunho simbólico e suas significações e leituras da paisagem são, infelizmente, omissas ao registro arqueológico e praticamente impossíveis de serem apuradas apenas com o registro ceramológico, restando uma descrição física dos elementos do entorno.

Como o próprio nome refere, as vertentes são as características significativas na topografia da mesorregião dos Campo das Vertentes. Além deste aspecto basal, o terreno em que se encontram os sítios arqueológicos Monte Alegre e Catauá caracteriza-se por possuir um relevo acidentado, embrenhados entre os conjuntos de sucessivos de colinas,

com os dois sítios Evangelista e Igrejinha residindo em uma área de baixa declividade (Enéas; Noronha, 2020). As altitudes médias dos sítios arqueológicos, variam, a medida que se encontram em referência a montante do rio Grande, o gradiente de elevação, naturalmente, torna a altitude maior, fazendo com que a hipsometria oscilando entre ~700-990m (Figura 2).

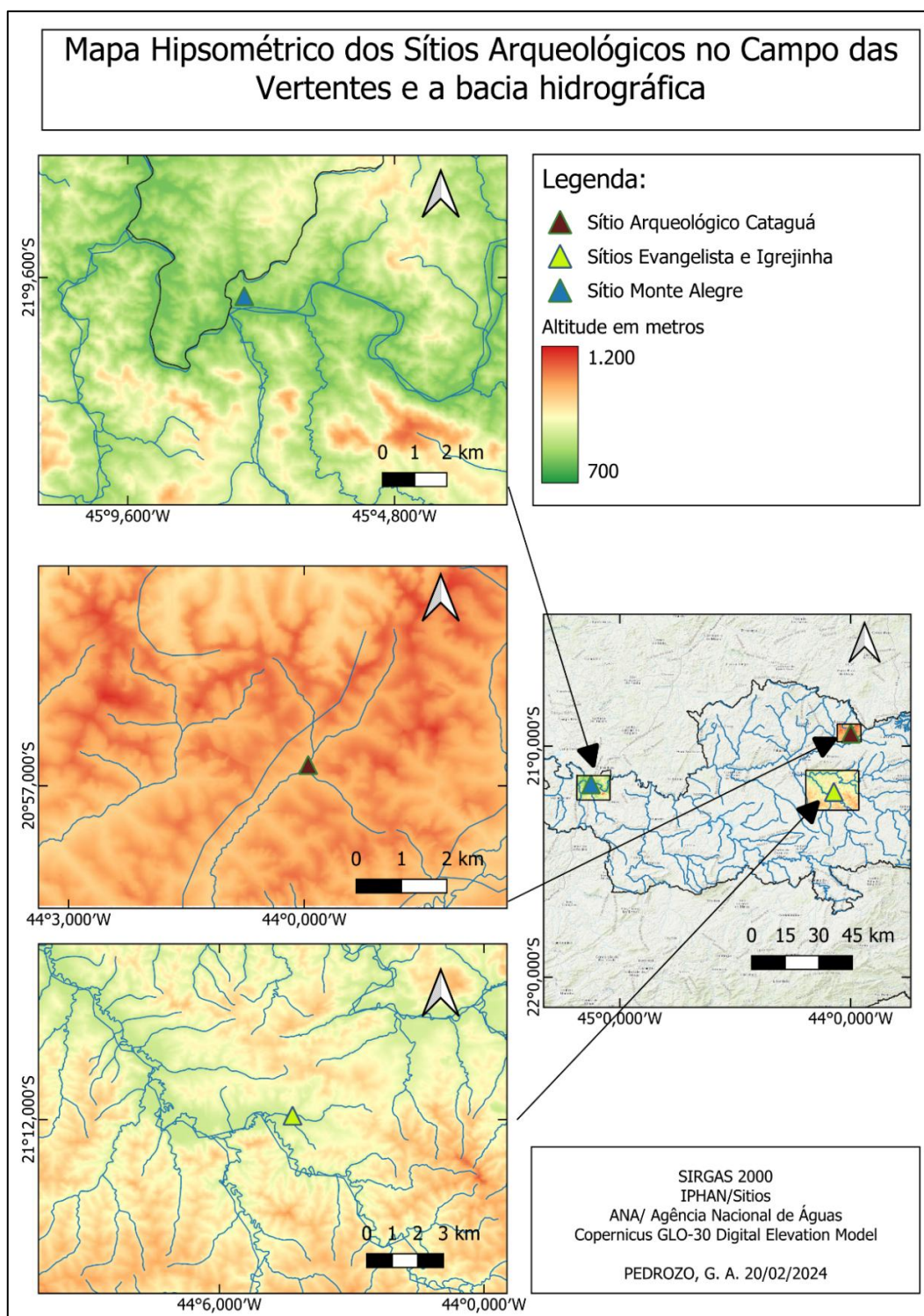


Figura 2 – Hipsometria dos sítios Arqueológicos no Campo das Vertentes e a bacia Hidrográfica. **Fonte:** Elaborado pelos autores (2024).

Quanto aos aspectos fitogeográficos, preponderam sobretudo por derivados de cerrado e representantes de matas ciliares das redondezas. A cobertura vegetal predominante é vegetação rasteira esparsa, inconsistente devido a inclusão de espécie de gramínea forrageira introduzida para solos de baixa. Verifica-se também o plantio de eucaliptos, provavelmente para manutenção dos tapumes. Há ainda a pouca vegetação típica do cerrado, com árvores meio retorcidas.

A hidrografia, como mencionado anteriormente, é um elemento importante. Em um levantamento de todos os sítios arqueológicos cadastrados no IPAHN no estado de Minas Gerais em 2010, Delforge (2010, p.93), constata que “na amostragem de 860 sítios analisados, 448 ou 51,6%, estão em um raio de 3000m dos rios principais sendo que 297 ou 34% situam se nos primeiros 1000 metros de distância”. Com a distância média dos sítios arqueológicos em relação ao rio Grande no estado mineiro sendo de 1,62 km² (Delforge, 2010). Especificamente no Campo das Vertentes, todos os sítios arqueológicos se encontram dentro da área abrangente da Bacia Hidrográfica do rio Grande, a qual, num passado pretérito, hipoteticamente proveu alimento, transporte e recursos de irrigação e argila. O sítio Monte Alegre localiza-se à 400m das margens a jusante no rio Grande em relação aos demais. Enquanto o conjunto arqueológico dos sítios Evangelistas e Igrejinha encontram-se nas intermediações do Rio das Mortes, um dos principais afluentes do rio Grande na mesorregião. Já o sítio Catauá possui um pequeno curso d'água, no fundo de uma vertente, do qual está relacionado também a hidrografia do rio Grande, como pequeno afluente.

A paisagem antropogênica mais recente é marcada pela presença da cultura de eucalipto, café, feijão e batatas nas circunvizinhanças dos sítios arqueológicos. O contexto do manejo do solo é dado sobretudo pela utilização de arado, o que causa alto grau de fragmentação dos sítios arqueológicos ao mesmo tempo que evidencia as peças em superfície no terreno (Araujo, 2002), algo constatado no sítio Monte Alegre (Brandt, 2004) e outros da redondeza dele (Arkaios, 2004; Pedrozo; Resende, 2020); com o mesmo ocorrendo em Evangelista e Igrejinha, porém havendo a sobreposição de eucalipto no momento (Enéas; Noronha, 2020). Enquanto ao sítio Catauá, a presença humana recente deixara marcas mais intensas, com a construção de uma pequena estrada e a edificação de casas nas suas intermediações.

A paleopaisagem que tais populações possuíam na época, detinha como o principal elemento o rio. Em detrimento do Norte de Minas Gerais, a região Sul do estado apresenta características geográficas favoráveis que poderiam proporcionar cobiça para

as antigas populações ceramistas. A bacia hidrográfica do rio Grande apresenta boa fertilidade do solo para o cultivo e sobretudo é favorável à pesca, uma fonte de alimento essencial para estes ameríndios (Prous, 2019), algo que também foi visto e descrito pelos europeus nos períodos iniciais da colônia (Gandavo, 1980; D'Lery, 2007; Staten, 2021).

A presença da variação ou de continuidade do estilo e técnica cerâmica, podem apontar para possíveis contextos de ocupação da localidade, conflituosos ou não, para movimentos de populações e para a cronologia de ocupação em razão de possível competição por recursos e da alta mobilidade facilitada pelos corpos de água, como rios e córregos, viabilizando a penetração e contato com grupos exógenos através de vias fluviais importantes e diversas.

3. CARACTERIZAÇÃO DO MATERIAL CERÂMICO

Uma das evidências mais marcantes destes tipos de sítios arqueológicos são os materiais cerâmicos remanescentes. Diferente da sociedade ocidental industrializada, os indígenas que habitavam no passado o território que viria a ser o Brasil possuíam uma série de objetos efêmeros. Suas habitações, arcos, canoas entre tantas outras coisas pereceram na natureza, restando quatro tipos de evidências duráveis destas antigas ocupações humanas no Campo das Vertentes: o instrumento lítico (feito em rocha), os restos de utensílios em cerâmica, o grafismo rupestre e o solo antrópico (que fora produzido em decorrência da ocupação no local). Neste sentido, as investigações arqueológicas na localidade trabalham, normalmente, ao menos com uma destas evidências – com exceção, do grafismo rupestre que reside em outra possível temporalidade e localização em relação a estas populações ceramistas.

No presente caso, a cerâmica, por se tratar de um material quase indestrutível, que mesmo em fragmentos, ainda é possível de se localizar no terreno, somando a sua relativa abundância foram o principal objeto de análise em pesquisas arqueológicas na região (Brandt, 2004, Akaios, 2004; Enéas; Noronha, 2020; Pedrozo; Rezende, 2020, Pedrozo, 2024) e a considerando como patrimônio de uma História Indígena Antiga no Campo das Vertentes (Pedrozo; Serralheiro, 2023). Por estes motivos no sítio arqueológico Monte Alegre foi encontrada e escavada uma coleção de 5144 fragmentos cerâmicos, no Evangelista com 1267 e Igrejinha com 2584, e Catauá ainda não escavado no momento, mas com diversas prospecções na área e redondeza apontando para o rico acervo de artefatos (Sales, 2022).

A caracterização das peças arqueológicas no sítio arqueológico Monte Alegre segue alguns parâmetros já apresentados em pesquisas anteriores do tema (Brandt, 2004; Pedrozo, 2024). Os artefatos possuem traços que os vinculam a Tradição ceramista Aratu-Sapucaí, ao mesmo tempo que haja elementos de outras tradições, tais como a Tupiguarani e UNA. Além destes pontos gerais, quanto ao trabalho externo dos materiais cerâmicos não foi constatado qualquer elemento de engobo, diferente dos outros três sítios. As espessuras, em média geral de todo o sítio, apresentam as mais elevadas da região (vide figura 3), o que, hipoteticamente, apontam para vasilhas maiores, recorrentes em uso de alimentação destes povos (Pedrozo, 2024) além de material osteológico – ossos – vinculados a mamíferos de médio porte (Brandt, 2004), configurando um região do sítio Monte Alegre como um provável local de preparo de alimentos ou de enterramento (urnas funerárias). Indicando um uso intenso do lugar por essas populações, em ambas as hipóteses, quer seja de em relação a moradia, quer seja em local de enterramento o que indica se tratar de um ponto com alto teor simbólico para tais povos pretéritos.

Os tipos de queima (Figura 3), apresentam uma preponderância da redução da pasta, que significa que fora produzida em uma atmosfera rica em C trazendo a tonalidade negra para a secção do caco (62% do total), ao mesmo tempo que em seguida apresenta significativa presença do tipo de queima com o núcleo negro (Coração Negro) (17% do total). Além destes, a queima oxidada, com atmosfera rica em O, resultando em uma totalização mais clara da secção peça (14% do total), atribuindo uma cor avermelhada. Em seguida, em números totais dos tipos de queima, são a superfície interna reduzida e oxidada lateral externa (6% do total) e depois a presença de peças com a configuração de reduzida externamente/oxidada internamente (1% do total).

Os sítios arqueológicos Evangelista e Igrejinha, nas intermediações de Prados, possuem uma configuração de seu material cerâmico relativamente semelhante, em razão de suas diminutas distâncias de pouco mais de uma centena de metros em declive. Suas peças cerâmicas, também são vinculadas, em ambos os sítios, pertencentes a tradição cerâmica Aratu-Sapucaí (Enéas; Noronha, 2020). Os artefatos cerâmicos do sítio Evangelista seguiram o mesmo padrão de Monte Alegre em relação ao montante geral das peças. O tipo de peças com a queima mais presente foi a reduzida, com 879 fragmentos (69%); seguido em segunda posição, tal como Monte Alegre, pelas peças oxidadas com 222 fragmentos (18%); e havendo 113 fragmentos com o núcleo reduzido (8,9%); seguidos por 45 de redução interna e oxidada externa (3,5%) e apenas 8

fragmentos com (0,6%) de reduzida externamente/oxidada internamente (Enéas; Noronha, 2020).

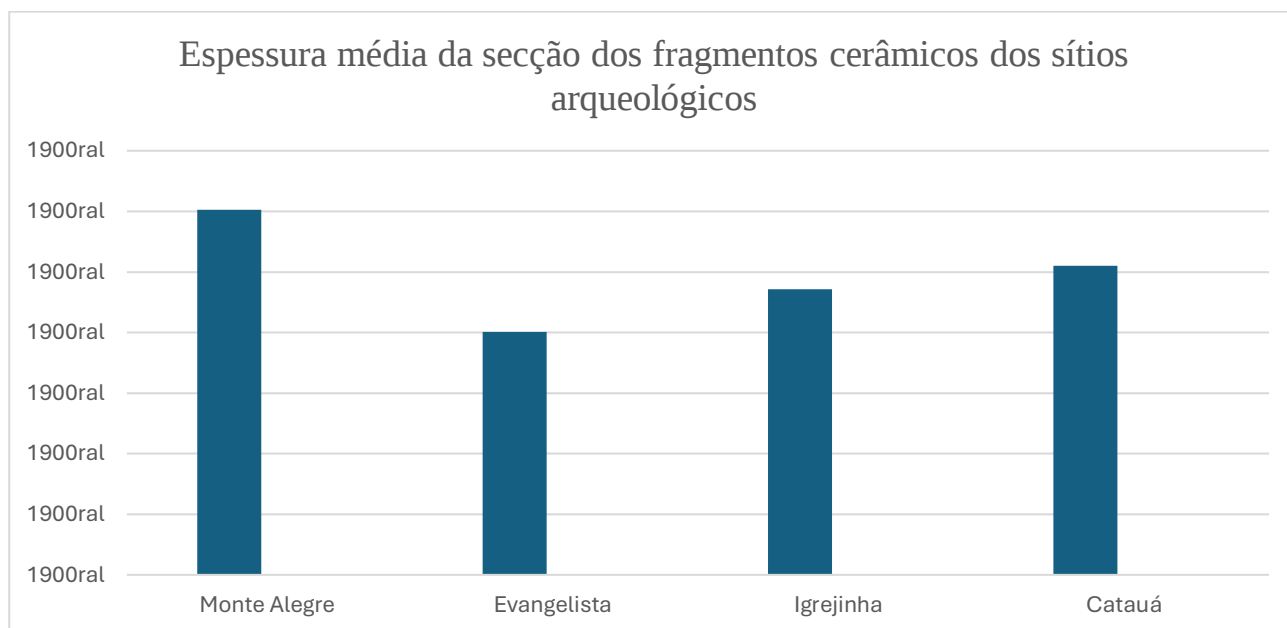


Figura 3 – Gráfico de espessura média da secção dos fragmentos cerâmicos dos sítios arqueológicos.

Fonte: Pedrozo (2024); Enéas e Noronha (2020).

Já o sítio Igrejinha distingue, em sua tipologia de queima. A mais preponderante continua com as peças com núcleos reduzidos 1599 fragmentos (62%); e diferente de Monte Alegre e Evangelista, peças com a queima em Coração Negro, isto é, núcleos reduzidos, assumem a segunda posição no montante, com 431 fragmentos (17%); e em terceiro, 354 fragmentos (14%) com a secção oxidada; apresentando em porções menos significativas a redução interna e oxidada externa com 178 (6%) dos fragmentos totais e núcleo superfície interna clara 21 fragmentos (1%) (Enéas; Noronha, 2020).

Por último, o sítio Catauá, apresenta peças também vinculadas à tradição ceramista Aratu-Sapucai, porém, também apresentando o engobo vermelho, totalizando 10,7% do total de artefatos analisados, curiosamente todas em peças oxidadas. Apesar desta particularidade, as cerâmicas com o núcleo reduzido em razão da queima, foram apenas a metade (50%), em todos os outros casos (6,4,9% Monte Alegre; 61,9% Igrejinha; 68,3% Evangelista) estiveram na casa dos 60%. Além deste ponto curioso, nem as peças oxidadas ou com o núcleo reduzido estiveram em segunda posição no montante, foi justamente as peças com redução interna e oxidada externa 33,9%, só depois seguidos por 11,3% oxidadas e 4,8% de coração negro, não havendo qualquer peça com a redução interna e oxidada externa.

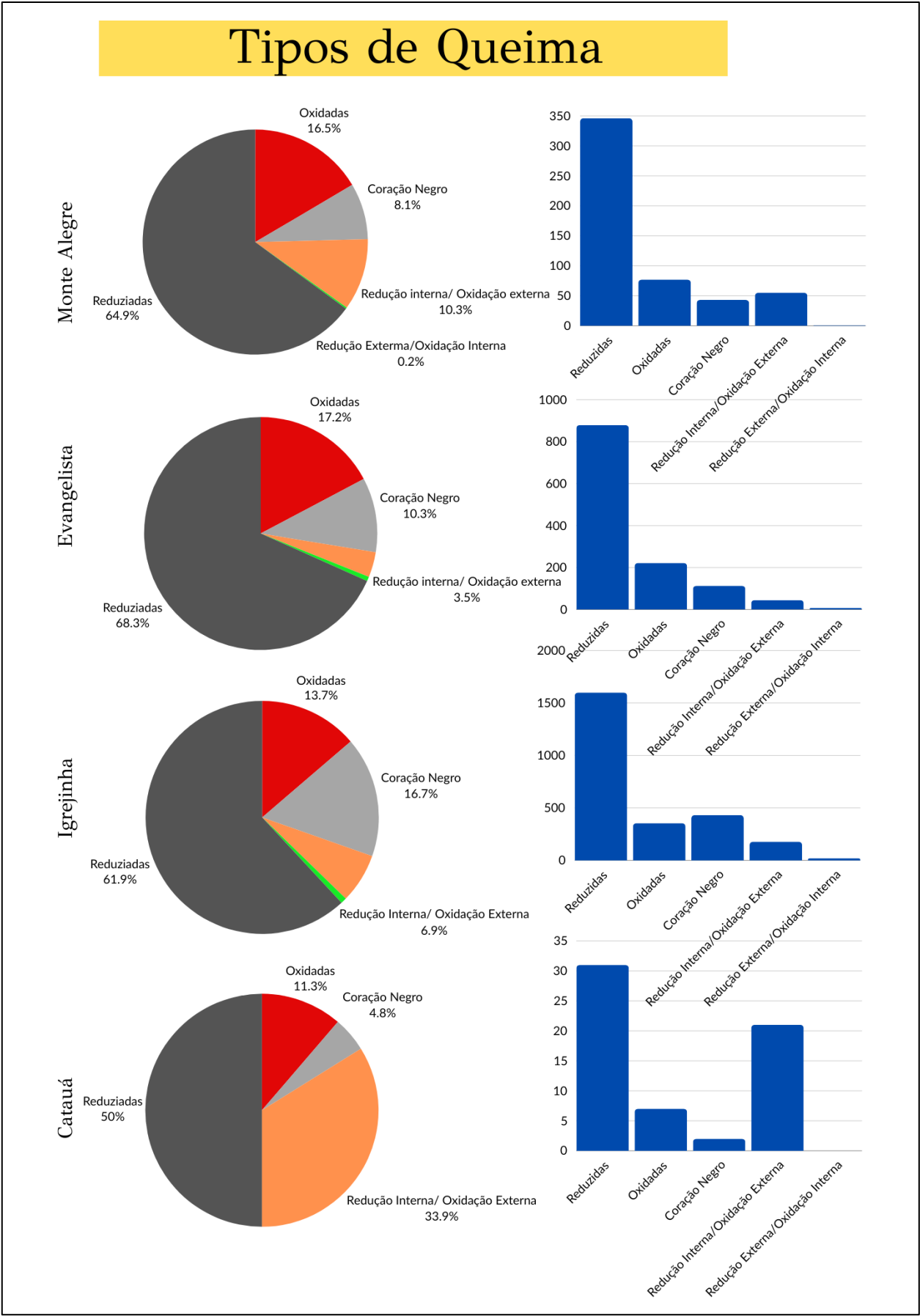


Figura 4 – Panorama dos tipos queimas nos quatro sítios arqueológicos
Fonte: Pedrozo (2024); Enéas; Noronha (2020).

Tabela 1: Características gerais dos contextos arqueológicos.

Elementos	Monte Alegre	Evangelista	Igrejinha	Catauá
Datação Direta	1200-800 A.P.	370 A.P. ±55 335 A.P. ±55	670 A.P ±110 500 A.P ±90	(?)
Distância em relação aos rios e corpos de água	335,5m	1.121,8m	1.296,7m	119,7m
Navegabilidade das águas próximas	Sim	Sim	Sim	Não
Altitude	~700m	~800m	~900m	~1200m
Posição no relevo	Topo de Vertente	Meia Vertente	Meia Vertente	Meia Vertente
Vegetação original	Mata Ripária	Mata Ripária	Mata Ripária	Mata Ripária (?)
Tipo de solo	Cambisoló(?)	Latossolo (?)	Latossolo (?)	Latossolo
Profundidade máxima do sítio arqueológico	45 cm	40 cm	90 – 100 cm	(?)
Contexto de uso	Aragem/ Agropecuária	Aragem/Mineraç ão	Aragem/Mineraçã o	Aragem/Estrada
Solo antrópico	Sim	(?)	(?)	Sim

Fonte: Autores, 2024.

4. ANÁLISE

É perceptível, que em cada sítio arqueológico existe uma variação própria de diferentes tipos de queima da pasta dos materiais cerâmicos, o que aponta para uma diversidade intrínseca de técnicas de fabrico e destinação de uso. Porém, a diferença entre sítios arqueológicos, naturalmente, é mais significativa, como nas técnicas que recorrem (em Catauá não há peças com laterais externas oxidadas). Além deste aspecto, os sítios possuem oscilações nas proporções dos tipos de queima. Um exemplo é o sítio Igrejinha que possui uma proporção maior de queimas com núcleos escuros – Coração Negro – em relação aos outros sítios, enquanto o sítio Catauá tem uma proporção considerável de núcleos com superfície interna reduzida e externa oxidada. Apesar da amostragem menor contabilizada para este sítio, a diferença na proporção da técnica de queima encontrada indica, no mínimo, uma função diferente para um local do sítio e se confirmada para o restante do sítio em uma amostragem maior, indicará uma significativa diferença cultural a ser investigada.

A fim de aprofundar os números apresentados, e explorar a correlação entre cada sítio arqueológico em termos dos tipos de queima dos materiais cerâmicos, foi calculado a correlação das porcentagens de cada tipo de queima em pares de sítios. Para tal análise, foi recorrido a Correlação de Pearson, trazendo os seguintes resultados.

Tabela 2:– Apuração estatística das diferenças de queimas em porcentagem dos sítios arqueológicos.

Sítios Arqueológicos: E- Evagelista; I - Igrejinha; C- Catauá; MA-Monte Alegre					
Núcleo claro (Oxidado):			Núcleo escuro (Reduzido):		
E-I:	0.985		E-I:	-0.739	
E-MA:	0.999		E-MA:	-0.889	
E-C:	-0.747		E-C:	0.965	
I-MA:	0.997		I-MA:	-0.977	
I-C:	-0.812		I-C:	0.978	
MA-C:	-0.711		MA-C:	0.950	
Núcleo centro escuro (Coração Negro):			Núcleo superfície interna escura:		
E-I:	0.983		E-I:	0.876	
E-MA:	0.982		E-MA:	0.971	
E-C:	-0.996		E-C:	-0.644	
I-MA:	0.998		I-MA:	0.807	
I-C:	-0.999		I-C:	-0.856	
MA-C:	-0.998		MA-C:	-0.664	
Núcleo superfície interna clara:					
E-I:	0.864				
E-MA:	0.981				
E-C:	-0.828				
I-MA:	0.856				
I-C:	-0.830				
MA-C:	-0.929				

Fonte: (Pedrozo, 2024; Enéas e Noronha, 2020).

Além de tais números, é possível perceber as oscilações maiores dos tipos de queimas e determinar quais sítios arqueológicos são mais semelhantes ou diferentes.

Sendo as oscilações maiores: Núcleo claro: Oscilação de 18.4% (Sítio C: 11.3% - Sítio MA: 16.5%); Núcleo escuro: Oscilação de 49% (Sítio E: 69% - Sítio C: 50%); Núcleo centro escuro: Oscilação de 13.1% (Sítio C: 4.8% - Sítio I: 17%); Núcleo superfície interna escura: Oscilação de 30.4% (Sítio E: 3.5% - Sítio C: 33.9%); Núcleo superfície interna clara: Oscilação de 1.3% (Sítio E: 0.6% - Sítio I: 1%).

Já os sítios mais semelhantes apresentam-se: E-MA: Correlação alta para todos os tipos de queima (Pearson > 0.97); I-MA: Correlação alta para todos os tipos de queima (Pearson > 0.80).

E sítios arqueológicos mais diferentes sendo os: E-C: Correlação baixa para a maioria dos tipos de queima (Pearson < -0.75); I-C: Correlação baixa para a maioria dos tipos de queima (Pearson < -0.82); MA-C: Correlação baixa para a maioria dos tipos de queima (Pearson < -0.66).

Em suma, tais resultados indicam que os sítios mais semelhantes em termos de queima de seus núcleos da pasta cerâmica são Evangelista e Monte Alegre, ao mesmo tempo que, curiosamente, o sítio arqueológico mais diferente apenas foi um, cujos números foram expressivamente diferentes, que é o sítio Catauá. As oscilações maiores ocorreram sobretudo nos tipos de queima de pasta oxidada e a pasta com redução interna e oxidação externa.

Estas oscilações e diferenças indicam alterações na produção de peças cerâmicas, escolhas dos ceramistas com preferências de estilo e funcionalidade dentro de tal grupo cultural. Questões de ambiente nas localidades dos sítios arqueológicos, como disponibilidade de determinados tipos de argila ou mesmo de antiplástico, implicam nas escolhas dos antigos artesãos. Ou tais oscilações, podem ser resultados da relação e contato com grupos exóginos, o que vai de encontro com os traços cerâmicos constatados em Monte Alegre que indicam vinculações com a tradição cerâmica Tupiguarani e UNA.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se encerra aqui mesmo com a ausência de informações conclusivas. Com a ausência de sistematização dos dados há impossibilidade de estabelecer uma apuração de forma mais concreta, em razão da carência de dados (qualitativa e quantitativamente) da localidade, São raras as pesquisas e informações referentes à mesorregião do Campo das Vertentes, o que torna esforços, como os empreendidos no artigo importantes mesmo que restritos ao estabelecimento de hipóteses.

É perceptível por meio da cronologia dos sítios arqueológicos e as suas disposições no mapa que aparentam, a primeiro instante, um processo de ocupação destes povos ceramistas que avançam do Leste para Oeste (Figura 1), Rio Grande à montante, subindo e se espalhando pelas ramificações do rio. Contudo, como mencionado acima, o número de sítios datados é demasiadamente diminuto frente aos escassos sítios conhecidos,

havendo uma necessidade de mais empreendimentos de pesquisa para se averiguar tais especulações.

Seja como for, é perceptível a presença do sítio arqueológico ceramista mais antigo, com maior quantidade de artefatos coletado, além da produção de solo antrópico – que reitera a intensidade da ocupação humana no local. O que leva a supor que os sítios mais a oeste, como Catauá – que mantem o tipo de cerâmica, apesar das suas particularidades – seja um produto de uma ocupação mais tardia.

Existe na redondeza, variações e escolhas técnicas próprias que podem refletir escolhas sociais e culturais dos antigos artesões que confeccionaram estes vasilhames. O caráter tecnológico adotado por um determinado grupo ou povo, em distintos contextos, é objeto de averiguação por parte da arqueologia para mudanças culturais e identitárias (Shepard, 1980; Oliveira, 1991; Santacreu, 2014; Delforge, 2017; Pedrozo, 2023).

Explorar alterações e escolhas tecnológicas, sobretudo de objetos corriqueiros como potes cerâmicos que refletem o dia-a-dia destes antigos povos possibilitam pensar sobre as mudanças, organização social e até trocas. Também vale salientar, que tais mudanças podem apontam para adaptações dos antigos ceramistas às necessidades e demandas que o ambiente físico lhes impunha (Shepard, 1980). Logo, talvez os ceramistas em Catauá recorreram mais ao uso de cerâmicas com redução interna dado ao consumo de pinhão, pelo fato de que a localidade possui uma altitude considerável e o manejo de araucárias, favorecido. Cerâmicas com partes internas reduzidas favorecem a conservação de umidade e, por conseguinte, a preservação de sementes como o pinhão. (Delforge, 2017).

Em suma, caso se confirme, houve mudanças culturais significativas. Os sítios arqueológicos pré-coloniais dentro do Campo das Vertentes possuem em suas cerâmicas tipos de queimas já distintos com aqueles presentes no Sul de Minas Gerais, também vinculados à mesma Tradição, isto é, o mesmo grupo taxonômico, é o caso da presença de pastas oxidadas, algo ausente nas porções meridionais do Estado (Delforge, 2017). E como apresentado nesta análise, existe também uma variação internamente, não apenas dentro da própria localidade, mas também dentro da própria bacia hidrográfica. Esta pesquisa, mesmo prospectiva aponta para vários caminhos possíveis e um panorama geral dos sítios cerâmicos pré-coloniais no Campo das Vertentes.

REFERÊNCIAS

ANGONESE, D.S. Minas Nativa: Dinâmicas do Povoamento Indígena em Prados. In: Congresso de Produção Científica e Acadêmica da UFSJ, 18, 2020. **Anais...** São João del-Rei: UFSJ, 2020.

ARKAIOS. **Relatório Final de Escavação**, 2004.

ARAUJO, A.G. de M. Destruído pelo arado? Arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum. **Revista de Arqueologia**, São Paulo: SAB, v.14-15, p.07-28, 2001-2002.

BRANDT. **Relatório Final de Escavação**, 2004. p. 3-50.

CASTRO, G. **Interpretação da paisagem arqueológica através das análises pedogeomorfológicas, micromorfológicas e de artefatos cerâmicos**. 2024. 180 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2024.

DELFORGE, A. **O gerenciamento do patrimônio arqueológico no estado de Minas Gerais utilizando-se sistema de informações espaciais (SIG)**. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

DELFORGE, A. H. **O sítio arqueológico Cerâmica Preta: estudo das técnicas e da cadeia operatória da cerâmica queimada em ambiente redutivo dos povos pré-coloniais praticantes da tradição cerâmica Aratu-Sapucai**. 2017. 188 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

D'LÉRY, J. **Viagens à Terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2007.

DUNNELL, R. The Notion Site. In: ROSSIGNOL, J.; WANDSNIDER, L. (eds.). **Space, Time and Archaeological Landscapes**. New York: Plenum Press, 1992.

EMPERAIRE, A. Approche Méthodique des Cultures Préhistoriques Amérindiennes. In: LEROI-GOURHAN, A. **L'Homme, Hier et Aujourd'hui**: recueil d'études en hommage à André Leroi-Gourhan. Paris: Cujas, 1973.

ENÉAS, P. E. de O.; NORONHA, I. de O. Resgate arqueológico dos sítios Evangelista e Igrejinha, em Prados/MG. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, p. 251-269, 2020.

GANDAVO, P. de M. **Tratado da terra do Brasil**: História da Província de Santa Cruz. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

OLIVEIRA, C. A. de. A cerâmica pré-histórica do Brasil: avaliação e proposta. **CLIO**, v.1, n.7, p. 69-79, Recife: UFPE, 1991.

PEDROZO, G. A. Fictile et Urbs: um estudo da Cerâmica Campânica e suas interações em Carthago Nova. In: FLEMING, M. I. D. A.; PORTO, V. C. **10 anos de LARP**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – USP, 2023.

PEDROZO, G. A. **História Indígena no Campo das Vertentes: Uma análise arqueológica da ocupação pré-colonial às margens do rio Grande (Ribeirão Vermelho, MG)**. 2024. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei. No prelo. 2024.

PEDROZO, G.A.; REZENDE, L.P. Ocupação Aratu-Sapucaí nas áreas do atual município de Lavras, Minas Gerais. **Revista do Patrimônio Cultural de Lavras**, Lavras, v.I, n.1, 2020.

PEDROZO, G.A.; ROCHA, L.C. Arqueologia Jê no rio Grande: Contribuições e Perspectivas da Geoarqueologia para a interpretação de vestígios. In: 3º Seminário de Teoria Arqueológica Contemporânea e 3º Seminário de Pesquisa dos Discentes da Pós-Graduação. **Cadernos de Resumo III SETA**, 2022.

PEDROZO, G.A.; SERRALHEIRO, L.C. Educação e o patrimônio indígena no Campo das Vertentes. **Revista Territorium Terram**, v. 6, n. 8, 2023.

PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores**. Archaeo, 2019.

RESENDE, M.L. et al. A Pré-História Na Estrada Real. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v.XLVI, n. 2, 2010.

RESENDE, M.L.C. et al. Estrada Real: Um “Lugar De Memória” Dos Povos Indígenas. **Tempos Gerais - Revista de Ciências Sociais e História**, n. 5, 2014.

SALES, C.L. Arqueologia e história indígena em Lagoa Dourada, Minas Gerais, Brasil: primeiros passos. **Faces de Clio**, v. 8, n. 16, p. 139-167, 2022.

SANTACREU, D. A. **Materiality, techniques and society in pottery production: the technological study of archaeological ceramics through paste analysis**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2014.

SHEPARD, A. O. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington, DC: Carnegie Institution of Washington, 1980.

STADEN, H. **Duas Viagens ao Brasil**. Porto Alegre: LPM, 2021.

SULLIVAN, A. P. Inference and evidence in archaeology: a discussion of the conceptual problems. **Advances in Archaeological Method and Theory**, v. 1, p. 183-222, 1978.

WILLEY, G. R.; PHILLIPS, P. **Method and theory in American archaeology**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2001.

Recebido: 10/04/2024

Aceito: 10/05/2024